

Entrevista

Entrevista

Professor Lauro Antônio¹ fala sobre filmes e festivais

Prof. Lauro Antônio

¹ Professor da Faculdade de Letras de Lisboa, da Universidade Nova de Lisboa e do Instituto Politécnico do Porto. Membro do júri do FICA e um dos diretores do festival de Serra da Estrela, em Portugal. Entrevista concedida à professora Dra. Maria Luisa Mendonça da Facomb/UEG.

C&I – Professor, que apreciação o senhor faz do cinema temático em geral e dos festivais temáticos, em particular?

Lauro Antônio – Acho esses festivais muito importantes como uma forma de estimular o gosto pelo cinema, pelo audiovisual. Praticamente todos os festivais são importantes, desde os puramente cinematográficos até os festivais de cinema e vídeo. Portugal tem dois festivais, um de ambiente e outro de cinema e cultura, e há um terceiro que está para começar agora, e que já teve uma edição sobre essa questão. Os festivais temáticos têm uma grande distância possivelmente pela conjugação que fazem de duas práticas diferentes: por um lado, obviamente, o audiovisual, o cinema, o vídeo e tudo que se relaciona com o audiovisual; e por outro lado, o tema escrito por cada um dos festivais. Essa convergência prática é importante porque o audiovisual, hoje em dia, tem uma grande importância na sociedade contemporânea, por ser a forma mais difundida de comunicação. As televisões imperam e mesmo o cinema tem uma força poderosíssima em todo mundo, e falar sobre alguns temas por meio do audiovisual é particularmente eficaz. Também é eficaz o contrário, ver a informação através do audiovisual: Portanto, tanto para o criador como para o público do setor, são formas de

atrairmos e ficarmos criativos com uma grande confidente artística e que se torna tão viciante. Mas julgo que esses festivais temáticos têm efetivamente um grande futuro; experiência e contatos internacionais, e acho que os festivais estarão efetivamente com temas mais bizarros, mas julgo que há lugar para cada um desses nichos. Daí, efetivamente, um interesse muito grande sobre várias matérias e essas matérias podem ser tratadas por meio do cinema.

C&I – O festival temático seria, então, mais produtivo, em termos de formação de platéia ou em termos educativos?

Lauro Antônio – Não sei se será mais eficaz e mais produtivo um festival temático, é uma opção falar de outros exemplos de festivais. Os grandes festivais, Cannes, e aqui no Brasil, o do Gramado, que é um festival, de certa forma, temático, só de cinema brasileiro, o que é uma forma de reduzir o alcance do cinema. Mas eu julgo que o lado de festival temático tem efetivamente também uma outra vertente que pode ser muito interessante e que é relacionar os profissionais do cinema, do audiovisual, com os profissionais de outro ramo. Por exemplo, aqui estamos na presença, obviamente, de vários tipos de públicos. Alguns diretores, por exemplo, fazem

filmes que eles não sabem se são ambientalistas, fazem um filme com um tema que desinteressa e que, posteriormente, os festivais de ambiente se interessam por ele, porque aborda temas importantes sob o ponto de vista ambientalista. É importante para os realizadores, que os argumentistas estabeleçam contato com os especialistas do ambiente e possam justificar futuros trabalhos nessa área. Acho que é muito interessante, por exemplo, que os interessados do ambiente e do cinema troquem experiências ao longo do festival, pois isso pode ser estimulante para futuros trabalhos e para a própria formação dessa personalidade, desse tempo de conhecimento das dificuldades, dos problemas que cada um desses campos abordam ou comportam.

C&l – Na verdade, professor, esses filmes apresentados, são filmes que estão longe dos circuitos comerciais e isso dificulta um pouco também a circulação.

Lauro Antônio – Essa é uma das razões porque eu acho que é muito importante existirem festivais de cinema. Festivais de cinema permitem várias aproximações: filmes que tenham dificuldades do contato com o público, em festivais têm oportunidade de serem mostrados. É a primeira virtude dos festivais: mostrar os filmes é dizer ao público que há alguns milhares de espectadores que viram filmes que outras pessoas não poderiam ver. Mas há mais: com festivais e com a projeção, um filme pode ganhar a possibilidade de entrar em circuitos de outros gêneros, desde circuitos de televisão a circuitos cinematográficos.

C&l – E o festival pode facilitar isso?

Lauro Antônio – O festival facilita, com certeza. Eu tenho, por exemplo, inúmeros casos, já não são um ou dois, são vários casos que me chegaram ao conhecimento em festivais meus, de Serra da Estrela, que é um festival ambiental.

C&l – Esse festival terminou?

Lauro Antônio – Não. Ele continua e está na décima edição. Esse festival premiou alguns filmes ao longo desses nove anos que já aconteceram e eu sei, de testemunho de realizadores que me escreveram, que o prêmio que eles tinham tido no festival justificou, por exemplo, a venda do filme para um canal de televisão, sendo que. Anteriormente, estavam a ter grandes dificuldades para penetrar nos circuitos televisivos. Um filme americano que estava praticamente boicotado pelos canais de televisão norte-americanos conseguiu que um deles se interessasse. Portanto, isso é particularmente interessante e é mais uma das razões para que os festivais tenham uma importância grande nesse campo.

C&l – O senhor poderia comentar um pouquinho sobre os festivais nos quais o senhor trabalha em Portugal, especificamente o festival ambiental? Como é que fica a curadoria, o intercâmbio? São festivais internacionais também?

Lauro Antônio – São festivais internacionais. O festival que tivemos a ter foi o primeiro festival de ambiente que surgiu em Portugal.

C&l – O da Serra da Estrela?

Lauro Antônio – Sim, o da Serra da Estrela. Tinha havido umas tentativas, umas amostras antes, mas um festival assim, internacional, o primeiro foi o da Serra da Estrela. O festival da Serra da Estrela tem muitas semelhanças com o festival de Goiás, porque está numa pequena cidade no interior de Portugal, tal como este está no interior do Brasil, numa zona que é protegida.

C&l – Qual?

Lauro Antônio – O festival da Serra da Estrela está no parque natural da Serra da Estrela, e este está na Serra Dourada, acho que esta é também um parque natural. Além disso há, digamos, um aspecto importante do festival que começou: é um festival que tem um orçamento, um

entrevista

entrevista

esforço muito baixo e nós temos que tentar fazer, com o pouco que temos, o melhor dentro do festival. Temos tido uma repercussão muito boa. Hoje em dia, o festival é reconhecido internacionalmente, tanto assim que fomos convidados para integrar, como sócios-fundadores, uma associação de festivais europeus da qual fazem parte os quatro mais importantes festivais da Europa, no âmbito do cinema ambiental: o do Torin, um da Grécia, um da Espanha, que é o de Barcelona, e o nosso Serra da Estrela. Estamos a organizar as coisas para institucionalizar essa associação.

C&I – Qual é o nome de associação?

Lauro Antônio – É Associação Européia dos Festivais de Ambiente. Não está ainda regularizada juridicamente, mas estamos a organizar isso e muito brevemente vamos ter, certamente, uma colaboração, um protocolo com relação ao festival daqui de Goiás, pois também foi sugerido isso. Aliás, eu tenho feito a mediação entre o festival de Goiás e a associação, possivelmente para haver essa hipótese de colaboração e, inclusive, julgo que Goiás estaria interessado em fazer aqui uma espécie de apresentação do melhor de alguns festivais europeus e que seria feito por meio dessa associação.

C&I – Professor, às vezes, a gente comenta que esses filmes que estão aqui nesse festival, e que são premiados, muitas vezes não têm uma fácil distribuição posterior, quer dizer, o público de Goiânia que não veio aqui não fica sabendo o que aconteceu. Essa prática é comum, essa dificuldade de obter maior visibilidade pública?

Lauro Antônio – É óbvio que o público de Goiás ainda tem uma grande sorte de ter aqui o festival durante uma semana, e quem quer, pode vir aqui ver o filme. Muitos desses filmes – digamos que não tenham uma grande duração, mas têm uma vida, não direi efêmera – passam em muitos festivais por apresentações em seções estreitas, mas não têm uma

projeção muito grande em termos de visibilidade. E tem alguns deles com produções muito boas e outros, poucos, que são muito más. De qualquer maneira, acho que os filmes mais interessantes, que têm um melhor enfoque, uma qualidade artística mais apurada, são normalmente os que conseguem atravessar esse bloqueio e se impor. No caso do cinema ambiental, há um problema ainda a acrescentar; a dificuldade que os filmes têm de chegar ao grande público, pois, normalmente, são filmes que fazem ataques violentos, e quase sempre justos, a ações de políticas governamentais, políticas comerciais, a problemas sociais gravíssimos, corrupções, enfim, um conjunto de problemas que definitivamente tornam ainda mais difícil sua projeção. Os filmes falam de corrupção, de formas como muitos governos conseguem intrometer-se na política ambiental, na política audiovisual. Portanto, o mesmo poder que, de certa forma, prejudica o ambiente, é o que também está instalado, muitas vezes, nas distribuidoras e produtoras de cinema e de audiovisual e, portanto, também a esse aspecto deve haver um possível boicote. Mas, dependendo da distância entre países mais ou menos livres, em que há sempre algumas querelas de televisão, até por uma questão de concorrência, um filme foi boicotado por uma empresa vale a pena ser passado por outra, porque é uma forma até de agredir a concorrente.

C&I – O senhor vê, então, uma função educativa, de alguma forma, pelo menos para colocar na pauta alguns temas. Certamente, a imprensa vai noticiar e mesmo com esse boicote mencionado tem a parte, digamos, educativa.

Lauro Antônio – Sim. Esse é um dos aspectos mais importantes dos festivais e, para isso, os outros festivais têm que ter um componente importante também de ligação às escolas e de captação de públicos jovens. Julgo que esse é um dos aspectos que nós batalhamos nos meus festivais em Portugal: os festivais têm uma grande ligação com as escolas, em ações

promovidas em conjunto. As escolas levam os alunos a ver os filmes juntamente com os professores, há um grande apoio em relação ao público infantil, é importante que o público venha ao cinema para se habituar. Acredito que, por exemplo, em Goiás deve haver muitas crianças e outros adultos, que nunca foram ao cinema, e a sala ontem estava repleta. Hoje em dia, já há uma pouca distinção entre o vídeo e o cinema porque as qualidades de projeção de um bom vídeo na sala de cinema é quase semelhante, e desde que haja DVD e outras qualidades, outros sistemas e outros formatos, que se vão aperfeiçoando, cada vez é mais fácil ver exposições conjuntas em salas.

C&I – Para despertar vocações.

Lauro Antônio – Para despertar vocações e, sobretudo, para despertar novos públicos, o que é muito importante.

C&I – Professor, essa pergunta é inevitável. Como é que vai o ensino do cinema e do audiovisual na Europa? É junto, é separado, como é que está essa questão?

Lauro Antônio – Durante uns tempos, digamos que até há quatro ou cinco anos, havia uma distinção muito grande entre ensinar cinema e ensinar audiovisual, pois este, digamos, era considerado uma espécie de eletrodoméstico, um parente pobre, não nobre do cinema, mas julgo que, hoje em dia, essas distinções estão a atenuar. Sei que dentro do cinema e do audiovisual têm linguagens que partem de um corpo comum, que são linguagens diferentes, mas acho que, apesar das linguagens, eles podem ter a mesma dignidade, desde que sejam trabalhados com criatividade, com imaginação, com amor a arte. Acho que se pode tanto fazer um bom filme para televisão como um bom filme para cinema, e hoje em dia isso é visível. O vídeo tem também uma utilização extremamente aberta, criativa e julgo que ainda está num período ainda muito inicial, experimental, e que, com uma nova qualidade, se vai ter certamente melhor rigor na imagem. Acho que isso

tudo vai trazer ao audiovisual, em geral, uma grande qualidade e, sobretudo, à medida que o vídeo fica cada vez mais prático, mais fácil de utilizar, julgo que pode ser muito importante, numa democratização, a utilização do audiovisual.

C&I – Como é o ensino superior de cinema e audiovisual na Europa, em Portugal, mais especificamente? Há uma universidade de cinema e o audiovisual vai junto?

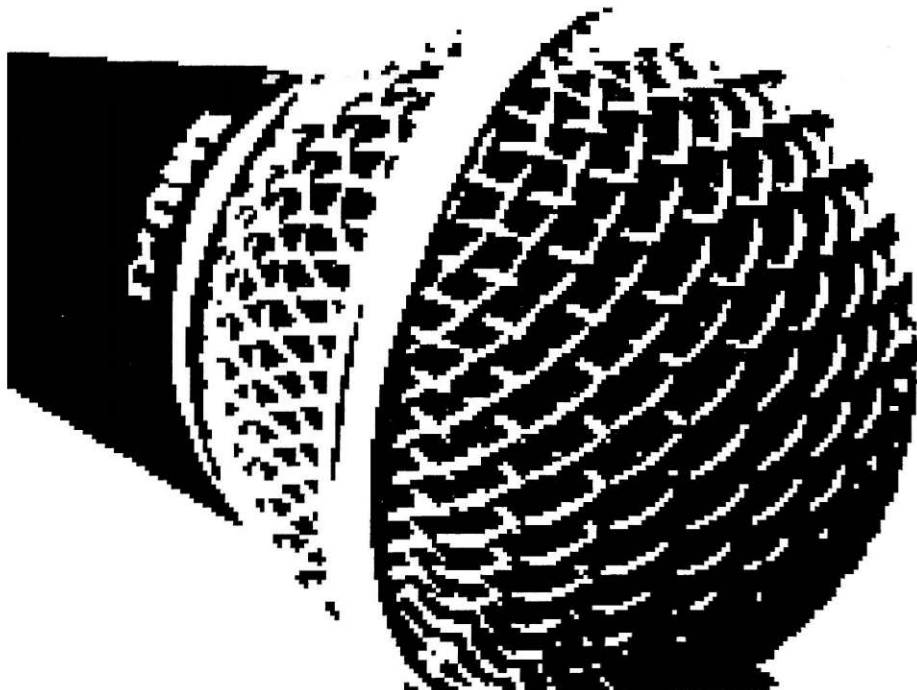
Lauro Antônio – Em Portugal há uma universidade, uma escola superior de cinema em Lisboa, uma escola superior de audiovisual, tecnologias audiovisuais no Porto, onde sou professor. Eu julgo que hoje em dia há uma tendência a não haver mais, um corpo conjunto de aulas em que possa haver especialização em certas áreas, para ir especificamente para o cinema, para a televisão ou para o cinema publicitário. Mas acho que, hoje em dia, tende a haver um mesmo corpo em quase todas as universidades.

C&I – Deixei alguma coisa relevante fora, sem perguntar?

Lauro Antônio – Deve sempre haver milhares de coisas que ficam fora, mas as conversas são orientadas, tens as suas orientações. Eu julgo que esse festival é muito importante, porque eu o tenho acompanhado, já é a terceira vez que venho cá. Desde do segundo ano, eu tenho acesso e julgo que a evolução que se sente no FICA é muito eficaz.

C&I – Evolução em termos de qualidade, do que é apresentado aqui?

Lauro Antônio – Não. Aí eu não acho que haja uma grande evolução, e mais: não se deve exigir uma evolução dos festivais em termos de qualidade do que se apresenta, porque isso depende muito do que se faz internacionalmente. Mas todos os anos temos no festival de Portugal cerca de quatrocentos filmes inscritos e entre esses quatrocentos filmes escritos no ano passado, tive a oportunidade de fazer dois



festivais que tinham tanta produção, que fiz sessenta filmes a concurso e teria mais outros sessenta filmes. Mas é possível que, um ano depois, haja um festival mais fraco, pois o nível de produção depende muito do que se produz internacionalmente, quer dizer, localmente e internacionalmente. Eu julgo que há cada vez mais uma maior produção de cinema ambiental em todo mundo, mas não há correlação direta entre mais quantidade e maior qualidade. Mas quantos mais filmes se fizer, melhor a oportunidade de escolha. Eu sinto que há uma evolução que eu julgo muito positiva no primeiro ano que estive em Goiás, o cinema tinha sido recuperado para fazer o festival aquele ano e voltava a fechar. Este ano sabe-se que o festival, e foi o FICA que conseguiu, vai reabrir as salas do cine-teatro São Joaquim. Mas há mais, eu acho, que há um próprio interesse da população, que, nos primeiros anos, calculo que fosse maior em termos de quantidade. A população talvez estivesse, pela novidade, em cima do cinema, dentro do cinema, a entrar e a sair. Mas é muito possível que haja mais público, mais interessado, agora, ou seja, enquanto nos primeiros anos havia muito público que entrava e saía, que ia ver como é que era, e que, davam importância às cerimônias oficiais e aos concertos.

Continua a haver essa importância, mas sempre que se fala em cinema, estão mais estáveis.

C&I – Formação de platéia, é isso?

Lauro Antônio – Esse é um dos aspectos muito importantes, a formação de público, de um público que se interesse mais. Por outro lado, também é justo que na própria cidade o festival tenha influído consideravelmente. Acho que o fato do festival ter outros componentes, que não só o audiovisual e o cinema, parece também muito interessante. Reunir cada vez mais as artes que se interpenetram, que cada vez mais o cinema viva da literatura, da música; que a música viva do cinema e da literatura, e a literatura, mais dependente das estruturas narrativas do cinema. Acho que esse jogo todo é muito importante, isso é o que acontece com o clima de festa que eu acho bastante bonito. A produção de Goiás está a aumentar consideravelmente e a melhorar a qualidade também, e julgo que isso é fruto do incentivo do festival e é muito possível que apareça produção goiana de qualidade muito proximamente. E isso fica a se estender, obviamente, também ao festival.

C&I – Professor, muito obrigada.